

Livro discute os militares e a esquerda no Brasil

30 JUN 1991

C A D E R N O
DOMINGO, 30 DE JUNHO DE 1991

PÁGINA

3

PÁGINA

Roberto Bravo faz concerto para um mestre

7

SEVERINO FRANCISCO

O cinema nacional está novamente em cartaz na cidade, com o XXIV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, que inicia sua programação nesta terça-feira, às 20h30, na Sala Villa-Lobos. Na abertura, uma sessão especial do filme *Limite*, de Mário Peixoto, contará com a participação da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. A partir de quarta-feira, no Cine Brasília, começa a mostra competitiva do Festival. Mas, existe um tipo de público que não viu e não gostou do cinema brasileiro. Ou adota o slogan: vá ao cinema brasileiro, mas não me leve. Slogan preconceituoso, pois pelo menos em outros tempos, o cinema brasileiro faturou os principais prêmios e interessava aos festivais, críticos e criadores mais importantes do cinema no mundo.

Hoje, qual é a imagem do nosso cinema no público que vê o cinema nacional? Do que se gosta e do que se desgosta neste cinema? Marcos Karim, um dos proprietários de uma rede de quatro cinemas, em Brasília, não é da época das chanchadas. Mas sempre ouve o pai contar que nos tempos da chanchada o cinema brasileiro "atraía multidões". "Os exibidores brigavam para mostrar os filmes brasileiros em seus cinemas" — comenta Marcos. "Não existia nenhuma obrigatoriedade, mas o público prestigia. Porém, desde que houve obrigatoriedade, os produtores caíram em um certo desasco. Ficou notório que muitas pessoas, fora do metrônomo, se aproveitaram da situação e o nível de competência caiu. A obrigatoriedade de exibição acabou com a competição", conclui Karim.

Marcos, no entanto, garante que acredita no filme brasileiro: "O que mais gosto é que os filmes brasileiros fixam nossa paisagem e nossa cultura. Aposto no cinema brasileiro, desde que ele se imponha pela competência e não pela obrigatoriedade". A atriz-performer, Eliana Carneiro, se sente incomodada principalmente pelo nível das interpretações dos atores no cinema brasileiro, "dá vontade de enfiar a cabeça embaixo da mesa de vergonha". Os atores que entram para o cinema são os atores da TV Globo. Esta nova leva de atores é muito ruim. É formada por atrizes gostosinhas e atores bonitinhos, mas sem talento. A maioria das atrizes é formada por modelos ou manequins. A escola de interpretação destes atores são as passarelas ou as páginas das revistas chic-porno-eróticas. Então o problema causa esta má formação. Existe uma escassez de novos atores. Os bons atores ainda são os mesmos de sempre, os formados na velha escola do teatro. O cinema brasileiro está comprometido ainda com um ranço nacionalista e com uma apelação em todos os sentidos. É um cinema que menospreza o público. Falta de grana não justifica ator ruim. Não é problema da Embrafilme. É problema de formação".

Eliana gostou muito de *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, e do *Limite* de Mário Peixoto: "Eu vi apenas algumas cenas, mas fiquei embasbacada". José Damata, programador de cinema da Fundação Cultural e dos circuitos alternativos, afirma que a história de que o cinema brasileiro não presta, cinema brasileiro é pornochanchada, precisa ser melhor contada: "Como pode uma cinematografia que já ganhou os mais importantes prêmios internacionais não prestar? O maior problema do cinema brasileiro é a ingenuidade de não se ter pensado até hoje em um sistema de distribuição. Não adianta entregar um filme como *Stelina* para a rede do Severiano Ribeiro apresentar. Ele só deixa três semanas em uma cidade de 12 milhões de habitantes. E isto porque ele representa os interesses das distribuidoras americanas. Eles nunca vão exibir um filme como *A Dança dos Bonecos*, de Helvécio Ratton, em plenas condições técnicas. É por isto que as pessoas não conhecem o cinema brasileiro".

A opinião "de que o cinema brasileiro não presta é baseada na pura ignorância", fulmina Damata e vai além: "As pessoas me perguntam se não seria possível trazer uma versão colorida de *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, ou de *A Nós a Liberdade*, de René Clair. Seria matar o cinema e ir à telenovela. Não existe cinematografia nenhuma no mundo sem distribuição. O cinema americano só dominou o mundo porque tem um sistema de distribuição". O que mais incomoda ao livreiro, Ivan Silva, proprietário da Livraria Presença, em Brasília, são as deficiências técnicas do cinema brasileiro: "Embora os cineastas neguem, o aspecto técnico ainda é muito deficiente no cinema brasileiro. E depois não gosto da apelação de sexo pelo sexo no cinema brasileiro. Falta tratar este tema com mais carinho". Ivan gosta mais do cinema brasileiro que se fazia há 10 ou 15 anos: "E cita *Bye, Bye Brasil* de Cáca Diegues: 'Eu gosto porque mostra a realidade brasileira'".

Francisco Saraiva, o Káqui, mestrando do Departamento de Comunicação da Universidade de Brasília, aprecia a vertente experimental do cinema brasileiro que vai de Mário Peixoto a Júlio Bressane, passando por Glauber Rocha e Rogério Sganzerla: "Mário Peixoto é síntese e sumáculo das explorações do olhar cinematográfico realizadas pelas vanguardas. *Canto de signos* do cinema mudo — um filme que implica uma releitura da história do cinema. Gosto das intervenções de Glauber Rocha, a alta tensão dialética de seu enquadramento e de sua montagem, da dramatização audiovisual do utópico e do seu pensamento alegórico. Gosto da revisão permanente do cinema nas mãos de Júlio Bressane e Rogério Sganzerla. Não gosto da acomodação e inícias criadas sob um verniz artístico e aplicadas sobre filmes eminentemente comerciais".

Luiz Humberto, fotógrafo e decano de Extensão da Universidade de Brasília, gosta especialmente das possibilidades de exploração da linguagem aberta pelo Cinema Novo. Mas ele se recusa a dar mais uma paulada na cabeça de um cinema-brasileiro à beira da inexistência, à beira da extinção: "Para a gente dizer que gosta ou que não gosta é preciso haver produção. E depois as coisas são mais comple-

xas do que O gosto ou o não gosto. O fenômeno da pornochanchada, por exemplo, do ponto de vista da formação de atores é ruim, mas o ponto de vista de formação de técnicos, é interessante. Dá margem a se formar um parque industrial. O que não gosto são das dificuldades para se fazer cinema no Brasil. Não existe um circuito de exibição, não existe espaço na televisão. É algo que existe em qualquer país civilizado. Todo o país protege a sua produção. Tem de haver reserva de mercado. Isto é condição para o desenvolvimento.

O artista plástico Raef Ghere gosta de cinema brasileiro, mas tem dificuldades de ouvir os filmes nacionais. Ele diz que este problema técnico não é coisa apenas de tempos antigos: "Veja um filme do Almodóvar, existe uma enorme distância na utilização dos recursos técnicos". No cinema brasileiro, Raef gosta do humor, da coisa engraçada e escrachada: "O que acho mais interessante no cinema brasileiro é o exercício do excesso, uma certa irresponsabilidade cênica em fazer maluquices, em tratar as imagens. Isto está presente, por exemplo, em *Macunaíma*, do Joaquim de Andrade. Ou em alguns filmes de Arnaldo Jabor. Gosto muito do Humberto Mauro. É um cinema mais fotográfico do que cinematográfico. E gosto muito do cinema brasileiro dos tempos em que se trabalhava com uma câmera na mão e uma idéia na cabeça. É daí que surgiram *Rio 40 Graus*, de Nelson Pereira dos Santos e *Matou a Família e Foi ao Cinema*, de Júlio Bressane".

Raef considera muito fértil a linha da chanchada no cinema brasileiro. Ela é a fonte da irresponsabilidade cênica: "Era um cinema que primava pela simplicidade, quase tudo era feito em cima dos roteiros hollywoodianos. É muito rica esta coisa de estúdio de fundo de quintal. Não gosto de coisas muito pretensas, muito intelectualizadas. Acho muito chato este negócio de Walter Hugo Khouri, do Bergman brasileiro".

A deputada distrital de Brasília, Lúcia de Carvalho (PT) não gosta das dificuldades que se tem para fazer cinema no Brasil: "O que acho mais interessante no cinema brasileiro são os filmes que tratam de questões históricas". O que o cineasta mineiro diretor de *A Dança dos Bonecos*, Helvécio Ratton, considera o aspecto mais fascinante do cinema brasileiro é a diversidade, ou pelo menos a possibilidade de uma diversidade de produção: "Sempre que o cinema brasileiro consegue expressar as diversidades de pontos de vistas sobre o País e sobre o mundo ele fica mais rico, fica mais forte. A produção não pode ficar concentrada somente no Rio e em São Paulo".

E para Ratton, o maior desafio do cinema brasileiro, neste momento, é fazer um cinema contemporâneo, que fale para as pessoas de que elas estão vivendo agora: "Um filme como *Green-Card* teve a capacidade de se comunicar com o público a partir de uma história muito simples. Nós estamos tendo dificuldades em sermos contemporâneos, em produzir filmes contemporâneos em nível dos sentimentos das pessoas". E, neste sentido, eu acho que de uns 10 anos para cá, o cinema brasileiro perdeu o bonde da história. E o cinema é arte mais capaz da experiência do sentimento. Em *A Dança dos Bonecos*, acho que consegui este tipo de contemporaneidade com as crianças, embora eu remetesse às contradições entre o moderno e o arcaico".

O escritor mineiro, Roberto Drumond, vê a necessidade de um novo Cinema Novo, uma nova revolução no cinema brasileiro. Ele diz que os cineastas brasileiros "são seres extraterrestres" eles precisam perder o preconceito. Eles têm a capacidade de fazer bons filmes policiais, bons filmes dramáticos, filmes de qualquer gênero, e deixar de fazer filmes somente para os festivais. Que eles nos façam rir seriamente, sem ser a chanchada dos Trapalhões. Eu gosto muito do cinema de Arnaldo Jabor, de Glauber Rocha, de Cáca Diegues, de Nelson Pereira dos Santos. Mas a maioria dos cineastas brasileiros é formada por extraterrestres que fazem filmes para pessoas de outro planeta que ninguém sabe qual é. Eu acho que é preciso o cinema descobrir novamente o Brasil como o Cinema Novo descobriu nos anos 60. A platéia pode gostar do que é brasileiro".

O músico Guilherme Vaz vê o cinema brasileiro enclausurado em um falso dilema: ser a Xuxa ou o Antonin Artaud. Ou seja: rebaixar o nível e conquistar o público ou se transformar em artista maldito. Ele diz que não gosta da mesma coisa que todo mundo não gosta no cinema brasileiro de hoje, com raras exceções: a mediocridade: "O que existe é falta de empenho, falta de paixão qualificada pelo cinema. O animal humano não se interessa por produtos que não contenham paixão. Os artistas possuídos por uma paixão radical, os artistas que têm algo a dizer, sempre disseram, com ou sem dinheiro. Quando as pessoas dizem que a crise é só de dinheiro, é porque existe algo errado".

Guilherme reconhece a crise do dinheiro, mas sustenta que é preciso que o cinema brasileiro faça uma reflexão do ponto de vista interno: "Conflito de separação de casal em beira de praia não é assunto contemporâneo. O cinema brasileiro precisa cair fundo nos grandes temas do final do século: a transformação de todas as categorias sociais: a família, a política, a função da arte, o fim das ideologias, a guerra. A guerra será permanente no final do século. Evangelização nacionalista é um assunto que não interessa não só ao brasileiro, mas ao ser humano". É preciso repensar todo o cinema brasileiro enquanto ideação. As pessoas querem fazer cinema sem conhecer cinema, poesia, teatro, artes plásticas. Diz Guilherme: Este polo de cinema que está se formando em Brasília tem de ser pensado dentro de uma perspectiva de uma nova ideação. Se não arremessarmos este polo para o ano 2.000 teremos uma nova Vera Cruz no Gama. A função deste polo seria acordar a classe média, que é uma conspiração de mediocridade, segundo Glauber Rocha. Não tem sentido fazer um cinema onde o espectador sai menos informado do que quando ele entrou. Antes de ser brasileiro, é preciso que ele seja cinema. Se a gente pensar que o Brasil está dividido entre 150 milhões de Xuxas ou 150 milhões de Antonin Artaud, estamos perdidos. Orson Welles teve público para o seu cinema. Einstein também, o mesmo com John Houston. Hollywood não foi o que foi apenas por ter barateado mil idéias. Dolorosamente é preciso reconhecer que esta crise é muito mais de ideação do que de produção".

DF - Cinema

ESSE TAL DE CINEMA

Val Trabalhar Vagabundo II

Sua Excelência, o Candidato

O Inventor

NACIONAL